

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 26/04/2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LETÍCIA MALAQUIAS VIEIRA

**MANOEL PAULO FILHO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MODERNA
NA REVISTA ILUSTRADA *PARA TODOS*
(RIO DE JANEIRO, 1919-1923)**

FRANCA

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LETÍCIA MALAQUIAS VIEIRA

**MANOEL PAULO FILHO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MODERNA
NA REVISTA ILUSTRADA *PARA TODOS*
(RIO DE JANEIRO, 1919-1923)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (PPGH/UNESP), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Social.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria dos Santos Guimarães.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

FRANCA

2023

LETÍCIA MALAQUIAS VIEIRA

**MANOEL PAULO FILHO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MODERNA
NA REVISTA ILUSTRADA *PARA TODOS*
(RIO DE JANEIRO, 1919-1923)**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História
na Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Franca,
como requisito para a obtenção do título de Mestre em História
Área de concentração: História e Cultura Social
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria dos Santos Guimarães**

BANCA EXAMINADORA

**Presidente: Prof.^a Dr.^a Valéria dos Santos Guimarães
(Unesp/Franca)**

**Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Cláudia de Oliveira
(UFRJ/ Rio de Janeiro)**

**Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Lúcia Granja
(Unicamp/Campinas)**

V658m Vieira, Leticia Malaquias
 Manoel Paulo Filho e a representação da mulher moderna na revista
 ilustrada Para Todos (Rio de Janeiro, 1919-1923) / Leticia Malaquias
 Vieira. – Franca, 2023
 139 p.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
 Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
 Orientadora: Valéria dos Santos Guimarães

 1. História da imprensa no Brasil. 2. História das mulheres no
 Brasil. 3. Crônica. 4. Manoel Paulo Filho. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

As temáticas e reflexões relacionadas às questões de gênero sempre se fizeram muito presentes na minha trajetória pessoal, enquanto mulher que cresceu e viveu boa parte da vida em uma pequena cidade do interior de São Paulo. Eu já imaginava, portanto, que essas mesmas temáticas teriam espaço também na minha trajetória profissional, durante a graduação em História. Foi ao participar do projeto *Imprensa Francesa Publicada no Brasil – Lançamento e Organização de Fontes no Banco de Dados JFB*, coordenado pela professora Valéria dos Santos Guimarães, que tive contato com as belíssimas edições da revista *Para Todos* e com um de seus controversos colaboradores, contato esse que daria origem, no futuro, a essa Dissertação.

Os desafios que encontraria durante a pós-graduação, no entanto, seriam bem diferentes do que eu imaginava. Os efeitos da pandemia COVID-19 resultaram em um isolamento mais profundo em relação ao caminho já, em si, solitário comumente trilhado por grande parte dos pesquisadores. Com o acesso restrito às bibliotecas, aos eventos e ao ambiente universitário em si, tão frutíferos ao desenvolvimento do nosso trabalho, os laços criados e fortalecidos durante o processo de escrita dessa Dissertação se tornaram ainda mais imprescindíveis para a conclusão da mesma.

Nesse sentido, primeiramente quero agradecer à minha orientadora, Valéria Guimarães, por acreditar e acompanhar o desenvolvimento do meu trabalho desde o segundo ano da graduação. Suas orientações, conselhos, ensinamentos e suporte durante todo esse período foram essenciais na minha formação como pesquisadora e tenho por você a mais profunda admiração. Essa admiração também se estende aos meus colegas de orientação Luís e Ana Paula, os quais agradeço pelas inúmeras trocas, conversas e desabafos em meio a esse caminho que decidimos trilhar juntos. Além disso, agradeço as contribuições das professoras Cláudia de Oliveira e Lúcia Granja, referências de suma importância para o meu trabalho, que gentilmente aceitaram participar da minha banca de defesa. À professora Virgínia Camilotti, que se fez presente na banca de qualificação, agradeço pelas questões pertinentes e que auxiliaram no amadurecimento da minha pesquisa.

À Samantha, Nathália e Leonardo, amigos queridos que pude me reaproximar durante a pandemia e que sempre me apoiaram no que fosse preciso. À Adriele e Sabrina pelas várias noites que passávamos no *rave* assistindo filmes e ouvindo música, além das longas conversas, sermões e por todo o carinho e cuidado proporcionados a mim em meio

a esse processo. À Mariah pelas visitas reconfortantes que sempre me deram ânimo para prosseguir com meu trabalho, além das conversas divertidas e profundas que fazem parte do meu cotidiano. À Thayná, por acreditar em mim e oferecer suporte de diversas maneiras, desde as idas até a sorveteria para que eu pudesse relaxar, até mesmo na organização de cronogramas, sermões e apoio emocional oferecidos durante toda essa etapa. Suas contribuições permitiram que eu me enxergasse de forma totalmente diferente, assim como a minha própria relação com meu trabalho, algo que serei eternamente grata.

Ao meu pai, pelo suporte incondicional e por investir e acreditar no meu trabalho. À minha mãe, minha base e meu maior exemplo. À Amanda, por todo o suporte e apoio oferecidos desde a minha adolescência. À Luiza, Sofia e Davi, minhas maiores fontes de alegria e amor. À Ana Luiza, que se fez imprescindível para que eu trilhasse essa caminhada. Agradeço a todos os amigos e familiares que me acompanharam desde o início da graduação e me ajudaram, de diferentes maneiras, a concluir esse trabalho. Por fim, sou grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento proporcionado durante o Mestrado, essencial para a realização dessa Dissertação.



E M A N C I P A Ç Ã O

O bebê (correndo ao encontro da mãe que chega) — Papae! Papae!

(Desenho de J. Carlos)

Emancipação: “O bebê (correndo ao encontro da mãe que chega) – Papai! Papai!”

Fonte: Revista ilustrada *Para Todos*, nº 380, 27/03/1926, p. 18.

(...) Devemos lembrar-nos que nós, mulheres, fomos criadas para a fantasia. Toda a vez que nos mostramos muito materiais perdemos todo o encanto que nos acham os homens.

Henriette

(Revista Feminina, n. 41, 1917, p. 34)

VIEIRA, Letícia Malaquias. **Manoel Paulo Filho e a representação da mulher moderna na revista ilustrada *Para Todos* (Rio de Janeiro, 1919-1923)**. 2023. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2023.

RESUMO

A acelerada urbanização que ocorreu em cidades como o Rio de Janeiro na passagem para o século XX também alterou as dinâmicas sociais e de gênero até então existentes. A inserção da mulher das camadas médias no mercado de trabalho permitiu a manifestação de comportamentos, até então, tidos como masculinos, como beber, dirigir e fumar em público, o que despertou observações e críticas de contemporâneos. Nesse sentido, certas revistas mundanas tentavam corresponder à demanda de representar a nova figura feminina. A *Para Todos*, criada em 1918, foi uma delas. Voltada para o universo cinematográfico, a revista estabelecia diálogo constante e explícito com o público feminino, como seções a elas especialmente dedicadas. Esse era o caso da coluna semanal do cronista Manoel Paulo Filho, que também fora diretor de jornais como o *Correio da Manhã*, cuja representação feminina em suas crônicas era bastante conservadora, o que chama a atenção pelo contraste com a linha editorial da revista. A crônica e suas variáveis, assim como o romance-folhetim, foram gêneros que ganharam destaque durante a modernidade. No primeiro caso, o fato de se incorporar elementos ficcionais na representação do cotidiano fez da crônica literária ou jornalística (da crítica ao *fait divers*) polo de atração de leitores e consequente aumento de tiragens e anunciantes. Tais fórmulas foram, assim, usadas em profusão pela imprensa que se modernizava, tendo sido parte dos elementos que tornaram possível a dinamização e globalização da cultura midiática. Nesses escritos, era comum o uso de estereótipos com base em “tipos” sociais, sendo um deles a mulher moderna, representada frequentemente como fútil, “apaixonada pelas aparências” e “superficial”. Tendo em vista os propósitos citados acima, o objetivo deste trabalho é analisar a representação feminina nos textos de Manoel Paulo Filho na revista *Para Todos*.

Palavras-chave: História da Imprensa do Brasil, História das Mulheres no Brasil, Crônica, Manoel Paulo Filho.

VIEIRA, Letícia Malaquias. **Manoel Paulo Filho and the female representation in the illustrated magazine *Para Todos*** (Rio de Janeiro, 1919-1923). 2023. Dissertation (Master's Degree in History) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2023.

ABSTRACT

The quick urbanization occurred in cities like Rio de Janeiro at the turn of the 20th century as well modified social and gender dynamics that already existed. The middle strata women in the labor market allowed manifestation of behavior, until then, classified as masculine, like drinking, driving and smoking in public, which aroused contemporaneous remarks and criticism. Hereof, a few mundane magazines tried to match the demand of the new women's image representation. The *Para Todos* magazine, founded in 1918, was one of them. Focused in the cinematic universe, the magazine established constant and explicit dialogue with female audiences, such as sections specially dedicated for them. That was the case of the weekly column written by the chronicler Manoel Paulo Filho, who was also newspapers director, including *Correio da Manhã*, in which he conveyed a conservative female representation in his chronicles, bringing attention due to the contrast with the magazine's editorial line. The chronicle and its variations, as well as feuilleton novel, were genres that rose to prominence during modernism. In the first case, fictional elements being embodied to the daily life representation made the literary or journalistic (of critics to the *fait divers*) chronicle pole of attraction for readers and hence the increase of circulation and advertisers. Such methods were used in profusion by the modernizing press by being part of elements that made possible the media culture's impetus and globalization. In these writings, stereotypes were often used based on "social types", the modern woman being one of them, frequently represented as frivolous, "in love with appearances" and "shallow". In view of the contents above, this project's goal is to analyze the female representation in Manoel Paulo Filho's texts to *Para Todos* magazine.

Keywords: History of Brazilian Press, History of Brazilian Women, Chronicle, Manoel Paulo Filho.

VIEIRA, Letícia Malaquias. **Manoel Paulo Filho y la representación de la mujer moderna en la revista ilustrada Para Todos (Río de Janeiro, 1919-1923)**. 2023. Disertación (Maestría en Historia) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2023.

RESUMEN

La urbanización acelerada que se produjo en ciudades como Río de Janeiro en la transición al siglo XX también cambió las dinámicas sociales y de género existentes. La inserción de la mujer de clase media en el mercado laboral permitió la manifestación de comportamientos hasta entonces considerados masculinos, como beber, conducir y fumar en público, lo que despertó observaciones y críticas de sus contemporáneos. En este sentido, ciertas revistas mundanas intentaron corresponder a la demanda de representar la nueva figura femenina. *Para Todos*, creada en 1918, fue una de ellas. Centrada en el universo cinematográfico, la revista estableció un diálogo constante y explícito con el público femenino, así como secciones dedicadas a ellas. Este fue el caso de la columna semanal del cronista Manoel Paulo Filho, quien también había sido director de periódicos como el *Correio da Manhã*, cuya representación femenina en sus crónicas era bastante conservadora, lo que llama la atención al contrastar con la línea editorial de la revista. La crónica y sus variables, así como los romances de folletín, fueron géneros que ganaron protagonismo durante la modernidad. En el primer caso, el hecho de incorporar elementos ficticios en la representación de la vida cotidiana convirtió a la crónica literaria o periodística (desde la crítica hasta los fait divers) en un polo de atracción de lectores y consecuente aumento de tiradas y anunciantes. Estas fórmulas fueron así utilizadas en profusión por la prensa modernizada, habiendo sido parte de los elementos que hicieron posible la dinámica y globalización de la cultura mediática. En estos escritos, era común usar estereotipos basados en “tipos” sociales, uno de los cuales era la mujer moderna, a menudo representada como frívola, “apasionada por las apariencias” y “superficial”. Teniendo en cuenta los propósitos mencionados anteriormente, el objetivo de este proyecto es analizar la representación femenina en los textos de Manoel Paulo Filho en la revista *Para Todos*.

Palabras clave: Historia de la Prensa en Brasil, Historia de la Mujer en Brasil, Crónica, Manoel Paulo Filho

Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
1. PAULO FILHO E A CRÔNICA BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX..	22
1.1. Paulo Filho: um importante jornalista da grande imprensa?.....	27
1.1.1. Paulo Filho e sua relação com o Correio da Manhã.....	30
1.1.2. A trajetória de Paulo Filho nas revistas ilustradas cariocas	34
1.2. Homens de letras e a crônica no Rio de Janeiro.....	46
1.2.1. Modernização e novas formas de sociabilidades: o Rio de Janeiro em ebulição.....	53
1.3. Cultura midiática no Brasil e no mundo.....	56
1.3.1. O caso brasileiro.....	59
1.4. O surgimento da crônica	65
2. PAULO FILHO E AS MULHERES DE VIRTUDES MODELARES	70
2.1. As mulheres de elite passam a transitar pelas cidades	70
2.2. As mulheres do passado e suas delicadezas encantadoras	83
2.3. Paulo Filho e a normatização do comportamento feminino por meio das crônicas.....	94
3. COLOMBINAS, SALOMÉS E AS MULHERES MODERNAS EM PAULO FILHO.....	99
3.1. “Entre taças de champanhe e cocotes descaradas”: os cinematógrafos e sua influência sobre as mulheres.	111
3.2. Melindrosas e “colombinas mascaradas de Salomé”: carnaval e casos de polícia.....	123
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
5. FONTES.....	134
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134

INTRODUÇÃO

Os primeiros dias de 1922 já despontavam no calendário e as revistas ilustradas cumpriam a sua função de registrar e trazer a público os principais eventos, comemorações e reflexões que marcaram a passagem de mais um ano. Com a *Para Todos* não seria diferente. Anteriormente editada pela Companhia Gráfica Brasileira, o impresso foi adquirido pela gráfica *Pimenta de Mello*, em uma de suas primeiras ações após a compra da Sociedade Anônima *O Malho*, e buscava se consolidar no mercado nacional.¹

A edição do dia 7 de janeiro de 1922, nesse sentido, compartilhava dessa mesma função, por meio da divulgação de eventos e registros da vida social da elite e atuando como instrumento de propagação de valores culturais da mesma.² No entanto, um texto em específico publicado na seção *A Semana sem Política* se destacou diante dos outros. Seu autor, que assinava como Paulo Filho ao final da crônica, escrevia em resposta a uma *querida amiga* a respeito de um debate que travaram na mesma noite na casa da anfitriã. Discursando sobre a questão do voto feminino, que também intitula sua crônica, Paulo Filho afirmava que:

De mim para mim, penso que esse direito de voto não é só prematuro; é impossível também. A mulher não precisa disso, porque o homem não ousa contrariá-la, salvo nas pequenas e insignificantes coisas do coração, e assim mesmo quando ela não sabe ou não quer manobrá-lo. Fique em casa reformando os seus métodos de educação, tenha uma noção sólida da política de seu pai, de seu marido, do seu amante, ou do seu filho e o acompanhe, orientando-lhe ou guiando-lhe, que ele não se rebelará.³

¹ Segundo Rafael Cardoso, a fusão entre a Sociedade Anônima *O Malho*, que já contava com grandes sucessos de publicação, e a gráfica *Pimenta de Mello*, que possuía um grande aporte tecnológico para a época, poderia representar uma tentativa de dominar o mercado nacional de revistas. Alguns dos primeiros resultados dessa fusão foi o retorno das revistas *Ilustração Brasileira* e *Leitura Para Todos*, que tiveram suas publicações interrompidas devido às problemáticas da importação de papel durante a Primeira Guerra Mundial, e o surgimento de novos impressos, como é o caso da *Para Todos* e, posteriormente, da revista *Cinearte*. Cf. CARDOSO, Rafael; HEYNEMANN, Cláudia B.; RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **Marcas do progresso: consumo e design no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009, p. 73 apud LOPES, Lara. **Ver e ser vista: star system e cultura visual nas revistas ilustradas da sociedade anônima *O Malho***. 2019. 281 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019, p. 72.

² MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 27.

³ FILHO, Paulo. “O voto feminino.” Revista ilustrada *Para Todos*, n. 160, 1922, p. 23-24.

Demonstrando total repulsa a qualquer incursão feminina no espaço público, assim como sua reivindicação por direitos políticos, o cronista lamenta que as mulheres teriam sido levadas pelo “furor do exibicionismo”, algo que, segundo o mesmo, era frequente nesses “tempos modernos”. O caráter conservador da crônica se destaca frente às outras seções da revista, sobretudo se comparada à matéria que seria a capa daquela edição: uma entrevista exclusiva com a atriz *hollywoodiana* Mary Pickford e seu marido, o também ator Douglas Fairbanks. Já no início da matéria, que tinha como objetivo revelar a residência do casal em *Beverly Hills* e discutir aspectos íntimos da vida dos dois artistas, a atriz é descrita da seguinte forma:

(...) Sua primeira aparição no cinema foi no filme da *Biograph*, dirigido por Griffith, “*The Violin Maker of Cremona*”. Foi casada com Owen Moore, dele se divorciando em 1920, casada meses depois com Douglas Fairbanks. (...) Como mulher, não escapou Mary Pickford às insídias da vilania humana. Quando de sua separação do primeiro marido, veio a lume o longo e doloroso martírio que fora a sua vida de casada, mal passado os primeiros transportes da lua de mel. A suave melancolia no rosto de *little* Mary só cedeu lugar à alegria quando a decisão judicial a libertou de um consórcio infeliz, permitindo-lhe seguir os impulsos do seu coração, casando-se com Douglas Fairbanks, formando-se assim o casal representativo do que o cinema americano tem produzido de melhor. (...) Deixando a *Famous Player*, posou Mary Pickford para o *First National Exhibitors Circuit* – filmes que lhe foram pagos à razão de 250 mil dólares cada um. Com David Wark Griffith, o grande diretor de cena, Charles Chaplin e Douglas Fairbanks, constituiu empresa própria, a *United Artists Corporation*, para a qual trabalha ainda.⁴

Divorciada, constituindo seu segundo casamento, responsável por gerenciar sua própria carreira e uma das fundadoras do que se tornaria uma importante companhia de cinema, Mary Pickford certamente seria percebida com maus olhos por homens como Paulo Filho, repulsa essa que se estenderia à toda a indústria cinematográfica. Tido como “aparelho irresistível de corrupção”, além de “uma espécie de academia de indignidades gesticuladas” e um “tabernáculo de todos os vícios repugnantes”, o cinema, segundo o autor, seria uma péssima influência para a sociedade, principalmente para as mulheres, por acreditar que elas seriam estimuladas “a praticar os adultérios com sucesso”⁵ e que se renderiam facilmente às “tentações” da vida moderna.

Esse embate em relação ao cinema marcaria toda a trajetória de Paulo Filho na *Para Todos*, que, a partir da criação da seção *Cinema Para Todos*, voltar-se-ia cada vez mais aos interesses da cinematografia e ao universo dos astros e estrelas da indústria

⁴ “Mary Pickford.” *Para Todos*, nº 160, 1922, p. 9.

⁵ FILHO, Paulo. “Sobre filmes e cinema.” *Ibid.*, nº 51, 1919, p. 17-18.

norte-americana, assim como retrataria a circulação e recepção dessas obras na capital do país. Por isso, pode parecer, à primeira vista, no mínimo contraditória a atuação de um homem de letras que denunciava os males da prolífica indústria cinematográfica em um veículo quase totalmente voltado aos interesses da mesma.

Considerando o cinema como uma das expressões e combinações mais completas dos atributos da modernidade,⁶ a hipótese elaborada por meio da análise das crônicas de Paulo Filho publicadas na *Para Todos* é de que havia, da parte deste conservador cronista, uma espécie de rejeição ao moderno e à modernidade em si, personificada em suas críticas ferrenhas ao cinema e, principalmente, às transformações pelas quais as mulheres, sobretudo aquelas pertencentes à elite, experimentaram dentro daquele contexto; seja por meio da moda, ou por seu papel desempenhado na vida social carioca, seja por ocuparem os novos espaços de sociabilidade da cidade, ou por sua crescente atuação no mercado de trabalho.

Essa modernização atingiria também o âmbito da produção cultural e da literatura, refletidos por uma imprensa nacional que se transformava a partir do contato com a tecnologia e com o fenômeno publicitário, disseminando o que era considerado como uma cultura urbana e moderna e se apropriando, para além disso, “de procedimentos característicos à fotografia, ao cinema, ao cartaz”, transformando-os na “própria técnica literária”.⁷ Esses signos tecnológicos que eram evocados como parte da influência da modernidade na técnica literária, segundo a tese de Flora Sussekind, seriam apreendidos de diferentes formas pelos homens de letras, que incluiriam desde a assimilação completa dessas transformações, a reelaboração da técnica literária, ou a assimilação constrangida ou recusa por parte de alguns cronistas.⁸

Em relação àqueles que recusavam essas transformações, a autora comenta, tomando Olavo Bilac como exemplo, que grande parte de sua trajetória literária se daria por meio da imprensa, embora parecesse “desprezar o próprio ofício de cronista, assim como o público leitor de jornais”.⁹ Tal desprezo e a assimilação constrangida da técnica literária em transformação podem ser encontrados também na produção de Paulo Filho,

⁶ SCHWARTZ, Vanessa R. CHARNEY, Leo (org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 17.

⁷ SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.15.

⁸ *Ibid.*, p. 19-24.

⁹ *Ibid.*, p. 20.

que apontaria a “lamentável pobreza” na “moderna literatura de cafés”,¹⁰ e o quanto o “ofício de jornalista e escritor” supunha o abandono da “imaginação de artista para se entregar às especulações do comércio”.¹¹

Sua relação de dependência com a imprensa, além disso, chegou a ser tema da crônica *Depoimento*, publicada na *Para Todos* no dia 28 de junho de 1919. No texto, o escritor comenta a respeito das dificuldades de se estabelecer no Rio de Janeiro quando não se é parte das elites dirigentes do país. Por meio da trajetória de seu personagem principal, que havia deixado uma carta de suicídio, Paulo Filho descreve o que seria uma possível alternativa aos homens de letras daquela época, entre os quais se inclui. Nascido no interior da Bahia e formado em Direito na capital, seu alter-ego retrata, na crônica de ficção, suas tentativas de consolidação no mercado de trabalho, submetendo-se sempre à proteção de algum poderoso coronel representante da elite local:

Valendo-me dos empenhos de antigas relações da família, consegui, como um imenso favor, ser despachado promotor público de Campestre. Parecia-me ter garantido o começo de carreira na magistratura estadual. Infelizmente, só depois de seis meses do exercício do cargo, recebi o primeiro ordenado. (...) O chefe ou dono da localidade era um coronel Fabrício, que acumulava na sua barbuda e rude pessoa as autoridades de juiz, promotor, intendente, sub-delegado, carcereiro e grande eleitor do governo, ao mesmo tempo.(...) Abalei para o Rio, a cidade dos homens, (...) só, sem auxílio, tomei a resolução de comparecer a todas as provas de concurso para as vagas de magistratura, do magistério, superior ou primário, público ou particular (...) e apesar de todas as vezes ser bem classificado, nunca logrei ser aproveitado. Atirei-me, então, à conquista de um lugar na burocracia e a adversidade não me abandonava. (...) Com alguma colaboração gratuita, espécie de credenciais, fui metido na redação do *Diário Mercantil*, sendo logo escalado para copiar as notas do expediente da Prefeitura.¹²

Assim como o personagem descrito em crônica de sua autoria, Paulo Filho, também nascido no interior da Bahia e tendo se graduado em Direito, recorreria aos mesmos artifícios para se estabelecer profissionalmente. Atuando, a princípio, na área de advocacia no seu estado, partiu para o Rio de Janeiro em 1911, dando início à sua carreira no *Correio da Manhã*, periódico que contribuiu até pouco antes de sua morte.¹³ No

¹⁰ FILHO, Paulo. “O fim dos meetings.” Revista Ilustrada *Para Todos*, nº 139, 1921, p. 31-32.

¹¹ FILHO, Paulo. Revista Ilustrada *Para Todos*, nº 38, 1919, p. 20-21.

¹² FILHO, Paulo. “Depoimento.” *Para Todos*, nº 28, 1919, p. 7-8.

¹³ Não por coincidência, o mesmo veículo de Edmundo Bittencourt, ambos retratados igualmente de forma não tão lisonjeira por Lima Barreto em seu *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado apenas dois anos antes e que, provavelmente Paulo Filho deveria conhecer, vez que havia também sido publicado em Floreal. Cf. BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, São Paulo: Ática, 1995.

decorrer de sua carreira, o escritor acumulou cargos públicos enquanto se dedicava a seus projetos na imprensa, a fim de obter ascensão social e prestígio em meio à elite carioca.

É nesse contexto de análise da atuação do cronista na imprensa e sua consequente consolidação enquanto homem de letras na capital carioca do início do século XX que se insere o primeiro capítulo dessa Dissertação. Além do resgate a alguns dados biográficos do escritor, pouco citado nas bibliografias sobre história da imprensa do Brasil, faz-se necessário compreender de que forma se constituíam as redes de sociabilidade desses homens de letras, contatos esses que se davam no ambiente dos cafés e livrarias localizados na rua do Ouvidor, como já apontado por Jeffrey D. Needell¹⁴ e Brito Broca.¹⁵ Nesses espaços, segundo o primeiro, era possível angariar cargos públicos e formar alianças por meio de casamentos, em troca da prestação de serviços às classes dirigentes que, inicialmente, ofereciam empregos em jornais favoráveis a determinado partido.

Essa prestação de serviços a uma elite em troca de reconhecimento e ascensão social, é analisada também tendo como arsenal teórico as contribuições de Sérgio Miceli em *Intelectuais e classe dirigente do Brasil (1920-1945)*, que identificou a tendência dos chamados “primos pobres da oligarquia” em se estabelecer no âmbito das letras e literatura, além da denominada teoria dos campos, de Pierre Bourdieu, no que diz respeito a disputa por legitimidade e autoridade frente ao domínio cultural exercido por essa mesma elite dirigente.¹⁶

Posteriormente, o capítulo trata sobre a consolidação do gênero crônica no Brasil e suas peculiaridades em relação à crônica francesa, essenciais para se entender de que forma Paulo Filho construía seus escritos. A compreensão desse gênero e sua transferência para o território nacional, por sua vez, são analisadas por meio do conceito de cultura midiática,¹⁷ conceito este que é aplicado ao fenômeno de expansão de uma sociedade pautada pela informação cada vez mais mediada por veículos de comunicação a partir da segunda metade do século XIX, com predominância da disseminação de jornais

¹⁴ O termo “*Belle Époque tropical*,” usado por Jeffrey D. Needell, embora controverso por projetar esse conceito na América Latina, onde o fenômeno se apresentaria como de outra natureza, mesmo tendo suas semelhanças com aquele experimentado na Europa, será mantido nesta Dissertação por ser operacional para os fins deste Mestrado. Cf. NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

¹⁵ BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil – 1900**. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1960, 2a edição, coleção de documentos brasileiros.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

¹⁷ MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

a baixo custo e aumento do consumo de romances-folhetins e *faits divers*. É nesse contexto que surge a própria noção de cultura popular. Considerada como objeto da história na historiografia francesa apenas a partir da década de 1960, segundo Dominique Kalifa, após a publicação de *De la Culture populaire aux 17^o et 18^o siècles*, de Robert Mandrou,¹⁸ autor que se concentrou na apreensão de uma dita mentalidade popular estimulada pelo grande consumo de livros vendidos a baixo custo, contrapondo-se a uma cultura erudita e elitizada. O embate entre essas duas categorias seria responsável pelo desaparecimento da primeira, por meio da repressão e do processo de aculturação promovido pela segunda. Ao se concentrar nessa dicotomia, ignoram-se as diferentes formas de recepção e apropriação dos conteúdos, ainda de acordo com Kalifa. Tal antagonismo impediria a percepção da diversidade de usos sociais de um texto, presente “entre os contextos de sua produção e os horizontes de sua recepção”. Endossados pelo trabalho de Richard Hoggart sobre a complexidade das leituras operárias na Inglaterra dos anos 1950, os historiadores passaram a “tratar menos dos conteúdos e dos níveis de cultura e mais dos modos de apropriação e dinâmica das trocas”.¹⁹

Esse dinamismo das trocas, referente às diferentes formas de apropriação de um texto, está interligado também ao conceito de representação, outra abordagem teórica utilizada por esse trabalho. De acordo com o *Dicionário universal* de Frutière, esse conceito possui dois significados: o primeiro, ligado à ideia de ausência, “o que supõe uma diferença clara entre o que representa e o que é representado”. Já o segundo, pelo contrário, “é a apresentação pública de uma coisa ou pessoa”.²⁰ Considerando que a representação é a relação subjetiva entre uma imagem presente e um objeto ausente, supõe-se que tal relação corresponda a expectativas distintas, de acordo com as competências de cada grupo, como seus hábitos e modos de leitura. Diante de várias possibilidades de expectativa, que variam de grupo para grupo, criam-se novas formas de recepção e, conseqüentemente, novas funções à leitura em questão.

Em concordância com o exposto por Chartier, Sandra Makowiecky complementa que a representação é o “elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao

¹⁸ KALIFA, Dominique. Das culturas populares à cultura midiática. *Artcultura*, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 90-101, dez. 2014.

¹⁹ HOGGART, Richard. *La culture du pauvre. Essai sur le style de vie des classes populaires en Angleterre (1957)*. Paris: Minuit, 1970 apud KALIFA, Dominique. *Op. cit.*, p. 98.

²⁰ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 5(11), 1991, p. 184.

mundo".²¹ Para a autora, o real e sua representação são interdependentes, uma vez que a representação dá significado à realidade, sendo parte de sua existência. As intenções do autor aliadas às decisões editoriais, fazem com que o impresso, ou o livro, tenham uma finalidade. Porém, essa mesma finalidade pode ser percebida de maneiras diferentes dependendo do grupo em que o texto se insere.²² Desse modo, de acordo com Chartier, deve-se pensar em uma história cultural que tenha como objetivo “a compreensão das representações do mundo social, que o descrevem como pensam que ele é ou gostaria que fosse”.²³ As representações, portanto, são determinadas pelos interesses dos próprios grupos que as concebem e, tais interesses, influenciam diretamente na recepção de obras, ou impressos.

Tendo esse arsenal teórico como base, aliado ao conceito de cultura midiática, é possível delinear de que forma as representações e estereótipos femininos comumente presentes no imaginário europeu circularam no Rio de Janeiro durante a Primeira República e como foram apropriados, aqui com o recorte específico no olhar conservador de Paulo Filho. Nesse sentido, a metodologia utilizada para analisar a representação feminina nas crônicas de Manoel Paulo Filho passou, primeiramente, pela confecção de uma tipologia das mulheres retratadas, adiantando-se que o autor trazia à tona representações como a “melindrosa” e a “mulher separada” em contraposição à “mulher inocente” e aquela que considerava como um modelo a ser seguido. Essa contraposição entre a figura de uma mulher de “virtudes modelares” e uma mulher tida como degenerada, figuras essas que são desenvolvidas, separadamente, no segundo e no terceiro capítulos, estaria interligada às críticas do próprio autor em relação à suposta superficialidade da vida moderna, que, por sua vez, remeteria a uma visão trágica e de recusa à modernidade, presentes em alguns cronistas do *fin-de-siècle* em meio a um Rio de Janeiro que se modernizava nos moldes dos grandes centros urbanos europeus.

Diante a contraposição entre esses tipos de representações antagônicas, percebe-se, sobretudo, a comparação entre mulheres de antigas gerações àsquelas que são contemporâneas ao cronista. Em *O natal dos flagelados*, por exemplo, a personagem apresentada é a baronesa de Paraguaçu, já mais velha, conhecida por promover eventos

²¹ MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 57, dez. 2003, p. 4.

²² GOMBRICH, E.H. **Arte e Ilusão. Um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 78

²³ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 19.

beneficentes para levantar recursos à população que sofria com as secas do nordeste. No decorrer da crônica, Paulo Filho procura sempre compará-la, reforçando sua índole superior e benevolência, à elite presente nesses bailes, preocupada apenas em manter um *status* social. As qualidades da baronesa, assim como a boa educação e beleza, são justificadas devido à sua origem:

Ela era a fada benfazeja desse período áureo do romantismo na política. A sua beleza deslumbrante dava-lhe um ar de superioridade sobre as demais meninas que cercavam o trono, beleza que nela mais se realçava com a fina educação e um porte distinto que lhe advieram de antecedentes requintados. O pai era nobre com grandeza e a mãe, filha de uma aristocrata vienense, viera para o Brasil depois de se ter feito admirar em algumas capitais europeias onde o visconde brilhara como ministro e enviado extraordinário de sua majestade, o Imperador.²⁴

A admiração pela baronesa deve-se, portanto, aos seus “antecedentes requintados” e remete também a um tempo passado, em que esse tipo de postura seria mais comum, de acordo com a perspectiva do autor. Essas mulheres exemplares seriam comumente relacionadas a esse passado intocado pela modernidade, além de servirem como modelo à população feminina contemporânea ao cronista, que, não mais totalmente submetida aos olhares atentos do pai ou do marido, deveriam seguir estritas orientações sobre como se comportar na vida social, visando a obtenção de um bom casamento e o futuro desempenho de seu papel de mãe e responsável pela primeira educação dos filhos.²⁵ Ao retratar algumas dessas figuras femininas do passado, aliada às políticas higienistas que visavam a normatizar o comportamento feminino, Paulo Filho representaria, além disso, uma mulher idealizada, angelical, pura e pertencente a um período distante, representação esta também analisada no decorrer do segundo capítulo.

Já o terceiro capítulo concentra-se nas tipologias de mulheres que transgrediam o padrão de comportamento delineado por Paulo Filho. As críticas do autor eram normalmente feitas a uma parcela da população feminina que, após conquistar o ambiente urbano e o mercado de trabalho, passou a adotar comportamentos mais liberais, antes permitidos apenas aos homens. Essa mulher moderna é constantemente representada nas revistas mundanas, inclusive na *Para Todos*, como “ousada, sexy, boquinha beijadora, dançarina, fumante, fascinada por cinema e automóveis”, protagonizando vários espaços

²⁴ FILHO, Paulo. “O natal dos flagelados”. Revista *Para Todos*, n. 106, 1920, p. 31.

²⁵ D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 239-240.

de sociabilidades cariocas.²⁶ Representações, estas, que remetiam a um imaginário anterior, presente na literatura francesa, exemplificado pela obra *La Garçonne*, de Victor Margueritte, em que a protagonista, após uma desilusão amorosa, corta seus cabelos bem curtos e decide reivindicar sua liberdade sexual e financeira.²⁷ Tal imaginário é incorporado pela imprensa nacional a partir da reinterpretação das personagens femininas presentes nas narrativas bíblicas, como Salomé, ou de personagens ligadas ao mundo do carnaval, como Colombina, ou, até mesmo, por meio das melindrosas, figuras impulsionadas pelas caricaturas de J. Carlos.

Um exemplo desse tipo de representação é a personagem Colombiana, da crônica "*La vie qui s'en va*". No texto, a protagonista é descrita como dona de uma beleza surpreendente, além de viver "a vida opulenta, desregrada e desvairada que as raparigas de luxo costumam levar nos grandes centros recivilizados".²⁸ Ao final da crônica, Colombiana se suicidaria ao perceber que se encontra solitária após se tornar velha e desinteressante aos homens. Diferente da baronesa de Paraguaçu que, devido à sua nobreza de espírito, decidiu dedicar-se a ajudar os mais necessitados em uma vida de êxito e felicidade, Colombiana traçaria seu trágico destino, nas palavras do autor, ao viver sustentando os próprios vícios: seduzindo os homens, arrancando-lhes sua fortuna e sempre presente em jogos de azar, ambiente da boemia e da devassidão. A mensagem passada nas crônicas em que essas mulheres modernas eram retratadas seria, quase sempre, uma espécie de alerta às leitoras, em um sentido pedagógico e moralizador de cunho conservador, argumentando que esse estilo de vida "superficial e moderno" levaria à ruína e à infelicidade.

Além disso, o espectro da prostituta, como já interpretado por Margareth Rago no que diz respeito à população feminina do *fin-de-siècle* em São Paulo,²⁹ será comumente presente no que tange a representação dessa tipologia abordada no terceiro capítulo, além de estabelecer um limite entre as mulheres consideradas como "degeneradas" daquelas dotadas de "virtudes modelares". Em Paulo Filho, tais mulheres seriam encontradas nas

²⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta. As distintas retóricas do moderno In: (ORG), Cláudia de Oliveira, Monica Pimenta Velloso, Vera Lins. **O Moderno em Revistas: Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond Ltda., 2010, p. 87.

²⁷ SOHN, Anne- Marie. Entre duas guerras. Os papéis femininos na França e na Inglaterra. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres do Ocidente: Vol. 5: O Século XX**. 565. ed. São Paulo: Ebradil, 1991, pp. 116-117.

²⁸ FILHO, Paulo. "*La vie qui s'en va*." Revista *Ilustrada Para Todos*, número 162, 1922, p. 15.

²⁹ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. 1990. 523 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

analisadas até então, faz uso da representação feminina em seus textos para criticar as transformações decorrentes da modernidade e seus reflexos nas esferas sociais, políticas e culturais, que se tornavam cada vez mais visíveis no cotidiano do Rio de Janeiro no início do século XX. Essas representações, aliadas a um discurso moralizador e normatizador em relação às mulheres, traduziriam a “posição” e os “interesses” do cronista, que descreveria a sociedade “tal como pensa que ela é”, ou seja, permeada por mulheres tidas como degeneradas e que seriam o reflexo de uma sociedade também vista como tal, ou “como gostaria que fosse”, por meio das figuras femininas idealizadas que remeteriam à nostalgia e a melancolia do passado.³⁶³

Esse aspecto dual presente em suas representações, no entanto, não refletia – e não parecia ser um elemento de importância nas crônicas do autor, as formas distintas que essa modernidade atingia cada grupo específico de mulheres: sejam aquelas que se inseriram em meio à imprensa feminina e exigiam os mesmos direitos que os homens, defendendo ainda os ideais do casamento higiênico e a inserção da mulher no mercado de trabalho como estratégia de não recorrerem a profissões menos nobres;³⁶⁴ ou aquelas que não se adaptavam às características tidas como inerentes ao sexo feminino, que não eram formalmente casadas e já dominavam o espaço público por meio do trabalho e se tornavam chefes de família, com todas as consequências experienciadas em suas relações conjugais e nas ruas.³⁶⁵

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem do século XIX para o século XX foi um período de mudanças significativas para a sociedade brasileira, principalmente para o Rio de Janeiro. A fim de comportar o *status* de capital da jovem República, sendo considerada como uma espécie

³⁶³ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 19

³⁶⁴ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. 1990. 523 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990, p. 53.

³⁶⁵ Rachel Soihet chama a atenção para as condições de raça e classe que acentuam a violência física e moral sofrida por essas mulheres, que não se adaptariam às concepções higienistas de “mulher ideal.” A autora ainda traz, a partir da análise de processos judiciais, essa violência dentro do espectro conjugal, onde os homens se sentiam diminuídos em relação às esposas por não serem os únicos responsáveis pela manutenção da família. SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 388.

de cartão de visitas do país, a cidade passou por um processo de urbanização e modernização visando se adequar aos padrões de civilização da Europa, sobretudo aos da França e, especificamente, de Paris. À medida que a paisagem urbana se remodelava, dando origem a novos espaços de sociabilidade que poderiam ser aproveitados de diferentes formas, mais a demanda por reivindicar e ocupar aquele ambiente crescia.

Nesse sentido, aliadas ao discurso médico-higienista, as revistas ilustradas, “dado o seu caráter de impresso condensado, ligeiro e de fácil consumo”, tornaram-se um “instrumento eficaz de propagação de valores culturais”³⁶⁶ próprios de uma elite carioca e que atuavam em conformidade a esses padrões de civilização europeus. A *Para Todos*, inicialmente publicada pela Companhia Gráfica Brasileira e, posteriormente, editada pela Sociedade Anônima *O Malho*, tinha esse objetivo. Pertencente ao mesmo grupo de intelectuais responsáveis pela *Fon-Fon*, a *Para Todos* também divulgava a imagem de uma nova capital, registrando as distintas percepções de uma cidade que se modernizava, seja adotando um caráter nostálgico em relação a uma paisagem que se transformava, ou até buscando se adaptar a essa modernidade.

Essas percepções distintas sobre uma cidade que se modernizava, elencadas em uma revista que, como o próprio nome diz, era voltada ao grande público, e publicava diferentes pontos de vista, poderiam ser percebidas por meio das fotografias, ou por meio das crônicas, gênero que repercutiu em fins do século XIX e no início do século XX justamente por registrar o caráter efêmero e repleto de estímulos dessa modernidade.

Se, em um primeiro momento, procurou-se identificar as particularidades do gênero crônica no Brasil, posteriormente fez-se necessário entender a relação entre os homens de letras e uma imprensa nacional que também se modernizava e se consolidava naquele contexto. Em conformidade à trajetória de grande parte dos intelectuais dessa época, Manoel Paulo Filho também encontrou na imprensa uma forma de ascensão social e de reconhecimento por uma elite que ditava os rumos da capital. Nascido no interior da Bahia, o então bacharel em Direito e escritor migrou para o Rio de Janeiro em busca de novas oportunidades, conciliando seu trabalho na imprensa com os cargos públicos que angariava para, assim, obter o prestígio desejado.

Além da tentativa de delinear a trajetória de Paulo Filho na imprensa, era imprescindível compreender a relação do cronista com a modernidade e,

³⁶⁶ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 27.

consequentemente, de que forma essa relação influenciou sua produção. Em meio à discussão de novos projetos de país propiciados pelos movimentos modernistas, que no Rio de Janeiro possuíam uma complexidade distinta se comparado às particularidades dos movimentos encontrados em São Paulo,³⁶⁷ nota-se que o cronista tentou, inicialmente, distanciar-se dessas discussões para demonstrar, em seguida, sua recusa e rejeição sobre os aspectos da modernidade, inclusive a respeito dos movimentos pertencentes a esse contexto.

Tal distanciamento e rejeição são evidentes ao se analisar as crônicas em que o autor representa a figura feminina e sua relação com a modernidade. Na *Para Todos*, por exemplo, Paulo Filho demonstra repulsa a qualquer ligação das mulheres com o cinema, alegando o poder dessa indústria em “corromper” até mesmo aquelas “mocinhas de família” e levarem-nas a adentrar um mundo de “perdição” e de “tentações da vida moderna”, visto que o cinema, depois da hegemonia da imprensa periódica, se configurou como um dos maiores difusores da cultura midiática, sobretudo de matriz americana e muito ligada a um mundo que enterra, de vez, o “longo século XIX”, para usar a bem conhecida expressão de Hobsbawm, encerrado com a Grande Guerra. O escritor procurava enaltecer, sobretudo, importantes figuras femininas do passado, que remontavam ao período imperial e, até mesmo, ao Segundo Império francês, comparando-as às mulheres de seu tempo, em uma postura de lamento e nostalgia.

Mesmo que o discurso médico-higienista procurasse regrar e orientar essas mulheres no que tange ao seu comportamento, vestimentas e posturas frente à sociedade, auxiliado por uma imprensa voltada ao público feminino que tinha como função disseminar esses padrões de comportamento, nota-se que Paulo Filho vai além e apresenta resistências a qualquer incursão da mulher no espaço público. Nesse sentido, o discurso do autor não entraria em conflito somente com uma certa imprensa feminina, já bem consolidada à época, a qual visava reivindicar seus direitos políticos e maior reconhecimento no mercado de trabalho, mas também com outros cronistas que publicavam na *Para Todos* uma vez que ele apresentava um viés muito mais conservador que uma boa parte desses seus colegas.

Em consonância a essa hipótese apresentada e, a partir da análise de outras crônicas do autor publicadas, em sua maioria, na *Careta* e no *Correio da Manhã*, foi

³⁶⁷ GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio: os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 6, nº 11, 1993.

possível notar posturas semelhantes às aquelas apresentadas por um grupo de intelectuais cariocas que estariam alinhados a uma militância conservadora, e que adotavam, justamente, a mesma postura de recusa ao moderno e à modernidade.

Liderado por Jackson de Figueiredo e, posteriormente, por Tristão de Ataíde, o grupo responsável por essa revista se posicionava em defesa de uma imprensa católica, abordando temáticas como o antiurbanismo, o militarismo, as críticas ao positivismo brasileiro e demais problemáticas relacionadas aos conflitos entre fé e ciência,³⁶⁸ temas também presentes nas crônicas do autor estudado. Assumidamente católico e favorável à atuação da Igreja na política nacional, as similaridades entre os posicionamentos de Paulo Filho e essa militância conservadora são percebidas em sua produção na *Para Todos* principalmente por meio dessa recusa ao moderno e seus símbolos como o cinema, e pela resistência à atuação da mulher no espaço público, aspecto central dessa pesquisa.

Embora não haja indícios concretos e Paulo Filho, em nenhum momento, tenha se declarado alinhado ao grupo da Ordem, as argumentações presentes em suas crônicas em muito se assemelhavam às apresentadas por esses intelectuais. Acredita-se, além disso, que tal posicionamento do cronista tenha contribuído para a sua perda de espaço dentro das páginas da *Para Todos*, visto que seus textos eram recorrentes nos anos iniciais da publicação para, a partir das edições de 1922, tornarem-se cada vez mais escassos. Vê-se, ao mesmo tempo, uma participação crescente nas publicações da revista *Careta*, principalmente após 1924, concorrente dos impressos da editora *O Malho S.A.*, o que inclui a *Para Todos*.

Desse modo, essa Dissertação tentou delinear tal caráter conservador presente na produção de Manoel Paulo Filho e, conseqüentemente, sua complexa relação com a modernidade por meio das representações das mulheres e do feminino em suas crônicas, analisando as diferentes tipologias de mulheres por ele apresentadas. Considerando a representação como uma forma de recriar e expressar o real, como argumentado por Roger Chartier, o autor destaca, a partir das figuras femininas presentes em suas crônicas, os perigos apresentados por esses “novos tempos” que, de acordo com sua perspectiva, poderia ser prazerosa, estimulante e viciante, mas traria conseqüências desastrosas à sociedade, já não mais tão erudita e que atuava na valorização dos intelectuais como antes, preocupando-se apenas em viver simulando os “*frissons* cinematográficos”.

³⁶⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. A Ordem: uma revista de doutrina política, política e cultura católica. Revista de Ciência Política, Rio de Janeiro, v. 3, n. 21, set. 1978, p. 119.

O discurso de Paulo Filho, portanto, denotava uma resistência à nova paisagem urbana, o que incluía os seus olhares sobre a figura feminina. A associação entre a mulher e os prazeres proporcionados pela modernidade era tamanha, que o cronista não apresentava as particularidades da inserção dessa mulher no espaço público. Nesse sentido, não se faziam presentes nos seus textos uma população feminina que já frequentava os centros urbanos, atuando no mercado de trabalho informal a fim de contribuir no sustento da família, assim como as lutas e reivindicações políticas e sociais das mulheres, tanto de classe média quanto às da elite, dentro desse espaço. A mulher, nesse caso, só surge como símbolo dessa rejeição ao moderno, representando todas as suas características tidas como negativas, ou como símbolo da idealização de um passado que nunca retornaria.

Nascido no *fin-de-siècle* e atuando na imprensa durante as primeiras décadas do século XX, as crônicas de Manoel Paulo Filho se apresentavam como uma das distintas óticas em relação a um país que se modernizava, buscando se adequar aos padrões de civilização europeus e, ao mesmo tempo, tentava se afirmar como nação. No que concerne ao trabalho realizado por essa Dissertação, buscou-se delimitar essa percepção do escritor baiano sobre o moderno a partir da representação feminina em seus textos.

5. FONTES

Revistas ilustradas:

Para Todos... 1919-1923.

Careta 1915-1960.

O Malho 1920-1949

Fon-Fon 1918-1955

Periódicos:

O Correio da Manhã 1919-1929

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori. (org.). **A circulação transatlântica dos impressos: conexões.** Campinas: Unicamp, 2014. Disponível em:

- <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=3&lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- ALMEIDA, Danilo Cerqueira. O resgate literário da produção de João Paraguaçu n'*O Imparcial* da Bahia. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014
- ALTAMIRANO, Carlos. Intelectuales: nacimiento y peripécia de un nombre. **Nueva Sociedad**, nº 245, mayo-junio de 2013
- AMADO, Gilberto. **A Chave de Salomão e outros escritos**. SP/RJ: José Olympio, 1947, Col. Obras de Gilberto Amado, vol. I.
- ARANHA, Graça. "O espírito moderno." [1924]. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1968
- ARRIGUCCI, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho. **Onda Negra, Medo Branco** – o negro no imaginário das elites – século XIX. SP: Annablume, 2004.
- BARRETO, Lima. **Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá**. Rio de Janeiro, Ediouro
- BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, São Paulo: Ática, 1995.
- BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006
- BEIRED, José Luís Bendicho. Os intelectuais e a direita autoritária no Brasil. In: *Estudios Sociales, Revista Universitária Semestral*, ano XVII, n. 33, Santa Fe, Argentina, Universidad Nacional del Litoral, segundo semestre, 2007
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Voltolino e as raízes do modernismo**. SP: ED. MARCO ZERO, 1992.
- BELTRÃO, Luiz. As linhas da imprensa brasileira. Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, v. 10, n. 10, p. 177-188, jan./dez. 2006
- BESSE, Susan K. *Restructuring Patriarchy: The Modernization of Gender Inequality in Brazil, 1914-1940*, The University of North Carolina Press; 2nd ed. Edition, 1996.
- BONADIO, Maria Cláudia. **Moda: Costurando Mulher e Espaço Público: Estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo (1913-1929)**. 2000. 186 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983
- BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil – 1900**. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1960, 2ª edição, coleção documentos brasileiros.
- Cadernos de Comunicação (org.). **Fon-Fon: buzinando a modernidade**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2008
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. SP: Ed. Martins Fontes, 1959.
- CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003
- CARDOSO, Rafael; HEYNEMANN, Cláudia B.; RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **Marcas do progresso: consumo e design no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009
- CARDOSO, Rafael. **Impressos no Brasil 1808-1930: Destaques da História Gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009
- CARNEIRO, Eva Dayana Felix. Na soirée da moda: o cotidiano das salas de cinema em Belém do Pará dos anos 1920. In: **Anais do Congresso do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (Org.). **A Nova História Cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990

- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 5(11), 1991. COSTA e BRUSCHINI (orgs.). **Rebeldia e Submissão**. Estudos sobre a condição feminina. São Paulo: Vértice, Fundação Carlos Chagas, 1989.
- CODEÇO, Igor dos Santos. Estética e política em Graça Aranha. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016
- COOPER-RICHET, Diana. "Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX." *Revista Varia História*, nº 42, julho/dezembro 2019
- COSTA e BRUSCHINI (orgs.). **Rebeldia e Submissão**. Estudos sobre a condição feminina. São Paulo: Vértice, Fundação Carlos Chagas, 1989
- COSTALLAT, Benjamin. **Mademoiselle Cinema**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia – uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres do Ocidente: Vol. 5: O Século XX**. 565. ed. São Paulo: Ebradil, 1991.
- ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989
- FABRIS, Annateresa. **Modernidade e Modernismo no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1994.
- FAUSTO, Boris. (org.) **História Geral da Civilização Brasileira - O Brasil Republicano - Tomo III - Vol.10**. São Paulo: Ed. Bertrand do Brasil, 2007 [1ª ed. 1980].
- FEIJÃO, Rosane. **Tudo é novo sob o sol: moda, corpo e cidade no rio de janeiro dos anos vinte**. 2016. 237 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A reação republicana e a crise política dos anos 20. *Estudos Históricos*, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, v.6, n.11, p. 9-23, 1993.
- FIGUEIREDO, Guilherme. **As excelências ou como entrar para a Academia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964
- FONSECA, Letícia Pedruzzi. **As revistas ilustradas A Cigarra e A Bruxa: a nova linguagem gráfica e a atuação de Julião Machado**. 2012. 280 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, Departamento de Artes e Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- GARZONI, Lericce de Castro. **Disputas políticas e disputas por leitores: a criação do Correio da Manhã (1898-1901)**. *Topoi*, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011
- GRANJA, Lúcia. Crônica. *Chronique*. Crônica. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 38, jun. 2015.
- GRANJA, Lúcia. **Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier**. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, jul./dez. 2013
- GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. **Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França, século XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2015.
- GRANJA, Lúcia; LUCA, Tânia Regina de. **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas: Unicamp, 2018.
- GOMBRICH, E.H. **Arte e Ilusão: Um estudo da psicologia da representação pictórica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GOMES, Angela de Castro; ABREU, Martha. A nova "velha" República: um pouco de história e historiografia. *Tempo*, Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, p. 11-24, 2009.
- GOMES, Angela de Castro et al. (org). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- GOMES, Ângela de Castro. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de festa. **Luso-Brazilian Review**. Madison/EUA: University of Wisconsin Press, 41:1 2004
- GONÇALVES, Marcos Augusto. **1922 – a semana que não terminou**. São Paulo: 2012.
- GUIMARÃES, Valéria; LUCA, Tania. **Imprensa em língua estrangeira publicada no Brasil: primeiras incursões**. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017.
- GUIMARÃES, Valéria. **Notícias Diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez**. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

- GUIMARÃES, Valéria. Primórdios da história do sensacionalismo do Brasil: os fait divers criminais. **Artcultura**, Uberlândia, v. 16, n. 29, dez. 2014.
- GUIMARÃES, Valéria (org.). **Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012
- HOGGART, Richard. **La culture du pauvre. Essai sur le style de vie des classes populaires en Angleterre (1957)**. Paris: Minuit, 1970
- HOLLOWAY, H. Thomas. **Imigrantes para o Café. Café e Sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio, 1984, Paz e Terra.
- JACOBINA, Eloá e KÜHNER, Maria Helena (orgs.). **Feminino/Masculino no imaginário de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998
- KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue: Narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- KALIFA, Dominique. Das culturas populares à cultura midiática. **Artcultura**, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 90-101, dez. 2014
- LAFETÁ, João Luiz. 1930: a crítica e o Modernismo. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000
- LINS, Vera. Gonzaga Duque: crítica e utopia na virada do século. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1996
- LOPES, Lara. **Ver e ser vista: star system e cultura visual nas revistas ilustradas da sociedade anônima O Malho**. 2019. 281 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019
- LUCA, Tânia Regina de. **A Ilustração: circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro (1884-1892)**. São Paulo: Unesp, 2018.
- MAKOWIECKY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 57, dez. 2003.
- MARTINS, Ana Luiza. **Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras**. *História*, 2003, vol.22, n.1, pp.59-79.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Unesp, 2006.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MAUAD, Ana Maria. Na Mira do Olhar: A Fotografia Nas Revistas Ilustradas Cariocas, Na Primeira Metade do Século XX. **A Margem**, v. 1, n.4, p. 20-30, 1994.
- MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira; LOPES, Marcos. Retratos del Brasil contemporáneo: prácticas fotográficas en el siglo XIX y XX. **Revistas de Estudios Brasileños**, v. 4, p. 160-175, 2017.
- MAUAD, Ana Maria. Sob O Signo da Imagem: A Burguesia Carioca (1900-1950). **A Margem**, v. 1, n.1, p. 5-15, 1993.
- MAUAD, Ana Maria. Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas. **Maracanan**, v. 12, p. 25-32, 2016
- MELO, Alexandre Vieira da S., Melindrosas e almofadinhas: O masculino e o feminino por meio das charges nas revistas ilustradas (Recife, década de 1920). In: REDOR, 18°. 2014, Recife. **Perspectivas Feministas de gênero: Desafios no campo da militância e das práticas**. Recife, 2014
- MEYER, Marlyse. **Caminhos do Imaginário no Brasil**. SP: Edusp, 2001, 2ª ed.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma história**. SP: Ed. Cia. das Letras, 1996.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MONTELEONE, Joana. Moda e imprensa feminina no Oitocentos: conceitos e transformações (paris-rio de janeiro, 1730-1830). In: SILVA, Camila Borges da; MONTELEONE, Joana; DEBOM, Paulo (org.). **A história na moda, a moda na história**. São Paulo: Alameda, 2019.
- NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República – da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2017.

- NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- OLIVEIRA, Cláudia de. **A arqueologia da modernidade: fotografia, cidade e indivíduo em 'Fon-Fon,' 'Selecta' e 'Para Todos' (1907-1930)**. 2003. 364 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- OLIVEIRA, Cláudia de. Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no segundo reinado. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (org.). *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011
- OLIVEIRA, Cláudia de. Rio Femme - Mulher Rio: a representação do amor e da sexualidade nas revistas ilustradas cariocas *Fon Fon! e Para Todos...* (1900-1930). **Artcultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p.201-213, jun. 2008.
- OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. **O Moderno em Revistas: Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond Ltda., 2010.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012
- PINHEIRO, Larissa Brum. **Melindrosas e almofadinhas de J. Carlos: questões de gênero na revista Para Todos (1922-1931)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015
- PINHO, Adeílto Manoel. **Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia**. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- PINSON, Guillaume. L'imaginaire médiatique. Histoire et fiction du journal au XIXe siècle, Paris, Classiques Garnier, coll. « **Études romantiques et dix-neuviémistes** », 2013, 272 p. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lectures/14416>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- PONTES, Eloy. **A vida exuberante de Olavo Bilac**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944
- PRIORE, Mary del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar**. Brasil (1890-1930). 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/a
- RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 1990. 523 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.
- RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª.ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1910.
- SANTOS, Angela M. S. Penalva; MOTTA, Marly S. da. **O “bota-abaixo” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003)**. Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio/ago. 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade** In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org) e NOVAIS, Fernando (dir). **História da Vida Privada no Brasil – Contrastes da Intimidade Contemporânea**. SP: Cia. das Letras, 1998, vol.4., pp. 173-244.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão social no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 [1993]
- SCHWARTZ, Vanessa R.; CHARNEY, Leo (org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004
- SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995
- Secretaria Especial de Comunicação Social: Prefeitura do Rio de Janeiro (org.). *Correio da Manhã: compromisso com a verdade*. Rio de Janeiro: Imprinta Gráfica e Editora, 2002
- SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na Metrópole – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. SP: Ed. Cia. Das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. “Rio de Janeiro, capital do arrivismo” in **Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Camila Borges da; MONTELEONE, Joana; DEBOM, Paulo (org.). **A história na moda, a moda na história**. São Paulo: Alameda, 2019

- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999
- SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003
- SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- THÉRENTY, Marie-Ève. O *gender* da crônica parisiense: de Delphine de Girardin a Colette. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 38, jun. 2015
- THÉRENTY, Marie-Ève. O longo e o cotidiano. Sobre a dilatação midiática dos romances nos séculos XIX e XX. **Revista Interfaces**, v. 1, n. 22, p. 117-136, jun. 2015
- VAILLANT, Alain. A crônica no século XIX: as metamorfoses midiáticas de um gênero literário. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 38, jun. 2015.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. A Ordem: uma revista de doutrina política, política e cultura católica. *Revista de Ciência Política*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 21, set. 1978
- VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil**. SP: Cia. Das Letras, 2000.